

Estratégias para a sustentabilidade da horticultura ornamental em Portugal

J.M. Costa¹, R. Silvestre², P. Vilanova² & M.E. Ferreira³

¹LEAF - Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, Lisboa, Portugal, miguelcosta@isa.ulisboa.pt

²APPP-FN, CNEMA, Loja 1, 2000-471 Santarém, Portugal, info@apppfn.pt

³Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, Av. da República, Quinta do Marquês, 2780-157 Oeiras, Portugal, elvira.ferreira@iniav.pt

Resumo

Em 2012, o sector da horticultura ornamental assegurava cerca de 3 700 postos de trabalho diretos, em 1.010 explorações, além dos indiretos das indústrias a montante e a jusante desta área de atividade. Em 2016, o número de postos de trabalho aumentou e ocorreu um crescimento das exportações de 22% relativamente ao mesmo período de 2015, acima da média de 4% de anos anteriores. É um sector da horticultura portuguesa que apresenta recuperação e crescimento, dinâmico, que apresentou um volume de negócios anual de cerca de 460 milhões de euros (19,3% do volume de negócios do conjunto fruta+hortalças+plantas e flores). Portugal tem condições naturais climáticas que proporcionam uma vantagem competitiva da horticultura ornamental em relação a outros países do centro e norte da Europa. Todavia, há que considerar a competição imposta por espanhóis e holandeses e também uma maior perceção do sector para resolver possíveis limitações relacionadas, por exemplo, com o uso sustentável de recursos hídricos, solo e energia. De facto, as regras europeias ambientais e as novas políticas europeias focadas no princípio da economia circular, obrigam a otimizar a reciclagem de resíduos e o uso mais eficiente de recursos. O desenvolvimento sustentável e o uso eficiente de recursos são cada vez mais uma necessidade e também uma obrigação, quer por parte dos cidadãos e empresas, quer do próprio Estado. A crescente escassez de recursos naturais, a maior sensibilidade social de consumidores face às questões ambientais e leis europeias mais restritivas forçam a horticultura ornamental portuguesa a adaptar-se a este quadro legislativo. Neste artigo apresenta-se a situação do sector e discutem-se as principais condicionantes e a sua capacidade competitiva. A otimização da gestão das explorações, a aplicação de melhores práticas ambientais, o investimento na certificação da qualidade (do produto e ambiental) e políticas que favoreçam uma produção sustentável são discutidas.

Palavras-chave: viveiros, flor de corte, ambiente, qualidade, plantas ornamentais.

Abstract

Strategies for the sustainability of ornamental horticulture in Portugal.

In 2012, the ornamental horticulture sector provided 3,700 direct jobs in a total of 1,010 farms, besides those related to agriculture industries. In 2016, the number of jobs increased, and exports grew by 22% over the same period of 2015, well above the 4% average registered in previous years. Ornamental horticulture is a sector that shows to be recovering and growing and to be able to generate an annual turnover of around 460 million Euros (19.3% of fruits+vegetables+flowers and ornamental plants

turnover). Portugal has natural climatic conditions that provide a competitive advantage of ornamental horticulture relatively to other countries, e.g. those of central and northern Europe. At the same time, however, there is a need to consider Spanish and Dutch competition as well as to increase stakeholder perception of problems and limitations related to, for example, the sustainable use of resources such as water, soil and energy. In fact, European environmental rules, and new European policies focused on the principle of circular economy, oblige the industry to optimize the recycling of solid and liquid wastes and promote an efficient use of resources. Sustainable development and the efficient use of resources are increasingly a necessity and also an obligation of citizens, stakeholders and the Government itself. Scarcer natural resources, increased social sensitivity of consumers to environmental issues and more restrictive European laws force Portuguese or European horticulture to be prepared and adapted to this new legislative and competitive framework. We present the situation of Portuguese ornamental sector and discuss its position within the new competitive market context, as well as to improve farm management strategies, the application of best environmental practices, the investment in certification (product quality, and environmental) and governmental policies that will favour a more sustainable ornamental production.

Keywords: nurseries, flower cut, environment, quality, ornamental plants.

Introdução

Portugal, apesar da sua modesta posição dentro da EU-28 (menos de 2% da área), ocupa o 9.º lugar em valor da produção de plantas e flores. Em 2012, a área de cultivos ornamentais, excluindo viveiros, era de 1 365 ha, dos quais 564 ha com flores de corte, 184 ha com folhagens de corte e complementos de flor e 617 ha com plantas ornamentais (INE, 2013). O número de explorações com cultivos ornamentais era de 1 010 com uma área média de 1,4 ha, com cerca de 30% da área de produção em estufa (± 450 ha, em 2012) (INE, 2013). Embora a atividade viveirista e de produção de flores e ornamentais tivesse grande relevo no Norte de Portugal nos finais do século XIX e inícios do século XX (Costa & Cermeño, 2009; Costa et al., 2014b, 2016), a produção concentra-se atualmente no Alentejo, Algarve e Entre Douro e Minho, próximo do litoral, onde o clima é mais ameno e nas proximidades dos grandes centros de consumo (ex. Lisboa, Porto). O Montijo (20 km de Lisboa) tornou-se na maior região produtora de gerbera da Península Ibérica, com cerca de 200 ha de estufas, onde se produzem diariamente cerca de meio milhão de pés de flor de corte, 15% dos quais para exportação. A área de produção no Montijo manteve-se estável nos últimos anos, mas o rácio produção/qualidade aumentou em resultado de investimento em novas tecnologias (ex. hidroponia, estufas mais altas, com estruturas metálicas e melhor controlo ambiental). Todavia, a produção continua limitada durante o inverno, devido a limitações climáticas (temperaturas baixas) e económicas (custos de instalação/manutenção do aquecimento).

A indústria da horticultura ornamental portuguesa é dominada por produtores de pequena/média dimensão focados no mercado interno que produzem e vendem uma gama alargada de produtos. A produção de ornamentais de exterior é diversificada. Engloba espécies como, palmeiras, loendros, lavandulas, buganvílias, hortênsias, e outras espécies mediterrânicas, produzidas principalmente no sul do País (Alentejo e Algarve). A produção de coníferas, camélias, azáleas e caducifólias faz-se mais no centro e norte do país (Costa et al., 2016). Nos Arquipélagos da Madeira e dos Açores a produção ornamental é também significativa e tem assumido caráter exportador.

A estratégia da maioria dos viveiristas (de propagação e planta final) e também dos floricultores é produzirem múltiplas espécies/variedades para o mercado interno evitando a sazonalidade e riscos. Assim na mesma exploração podemos ter aromáticas, herbáceas vivazes e outras ornamentais de vaso (*Gerbera* spp., *Cyclamen* spp., *Poinsettia* spp., *Chrysanthemum* spp. e *Rosa* spp.) (APPPFN, 2013). Há também viveiros florestais que produzem plantas ornamentais para aumentar as vendas e que estão focados no cliente revendedor que prefere um alargado leque de produtos. Na flor de corte passa-se o mesmo. Tal dificulta o controlo ótimo da produção, bem como a qualidade final do produto.

Os produtores estrangeiros sediados em Portugal desenvolvem uma atividade mais especializada, pois têm assegurado os canais de distribuição/exportação para os seus produtos (ex. venda no leilão em Almeer - Holanda, a grandes retalhistas europeus). No entanto, o profissionalismo do sector de propagação de plantas ornamentais em Portugal tem aumentado e há já empresas portuguesas a dedicarem-se à propagação e venda de material de plantação e a exportar, deixando a forçagem e crescimento e a produção da planta final para outros intervenientes da cadeia (APPPFN, 2013; Costa et al., 2016).

Importância socioeconómica do sector

O sector da produção de flor e ornamentais contribui para uma melhoria da qualidade de vida das populações, em especial nas áreas urbanas e periurbanas. De facto, tornou-se cada vez mais relevante a construção de espaços verdes urbanos como forma de espaços de lazer, e como suporte de atividades socioculturais (ex. parques biológicos) e/ou de apoio a sectores como o turismo e lazer (ex. exposição/concursos de flores como o da camélia ou das orquídeas). Mais recentemente, e num contexto de alterações climáticas e temperaturas excessivas (ex. países do Mediterrâneo), o uso de espaços verdes nas cidades ajuda na regulação térmica do ambiente e a diminuir problemas relacionados com picos de temperatura em meio urbano (Oliveira et al., 2011).

Portugal tem cerca de 1 000 empresas do sector, numa área de cerca de 1 360 ha, sendo 30% em cultura protegida. Cerca de 4 000 postos de trabalho (\pm 4 pessoas por hectare), com picos de empregabilidade sazonais. É perceptível a importância económica do sector no contexto da horticultura portuguesa através dos 450-500 milhões de euros de valor de mercado e respetivos impostos de valor de produção estimado pelo GPP para 2016 (quadro 1).

A maioria do material de plantação para produção ornamental (em estufa) é importada (ex. da Holanda, Espanha, França, Alemanha e Itália), podendo também ser importado material de tamanho pequeno de espécies ornamentais para crescimento ('engorda') (Costa et al., 2014b). Em 2016, as importações de plantas vivas e produtos da floricultura atingiram 107 milhões de euros (taxa de crescimento de 3,7% de 2005-2016) enquanto as exportações foram de 77 milhões de euros (taxa de crescimento de 5,1% de 2005-2016), sobretudo de plantas envasadas e de jardim e tendo como principais destinos a Holanda e a Espanha (GPP, 2017).

O número de empresas exportadoras é reduzido sendo que muitas destas são de capitais estrangeiros e estão focadas na exportação (ex. *hydrangea*, citrinos ornamentais e espécies mediterrânicas). Muitas destas empresas têm uma atividade de produção em Portugal destinada a complementar a sua atividade no Norte da Europa (ex. Holanda).

Desafios e estratégias para o sector

O clima de Portugal (continental e insular) favorece a produção de flores e plantas ornamentais e o sector viveirista pode ainda crescer e exportar mais, tirando partido do crescimento económico de Portugal e dos seus parceiros europeus. Contudo, há condicionantes no médio-longo prazo que devem ser considerados: 1) ambientais (alterações climáticas, escassez de recursos naturais, como por exemplo água e substratos orgânicos); 2) económicas (preço dos combustíveis e fatores de produção a aumentar e preços estagnados no mercado interno).

Em regiões secas como as do Mediterrâneo, onde a atividade viveirista e a produção de plantas ornamentais são relevantes (Costa & Cermeño, 2009), a redução da pegada hídrica obriga à gestão e uso eficiente de água de rega e à proteção das massas de água (superficiais e subterrâneas) (Pardossi et al., 2004; Pronk, 2004; EGTOP 2013; Costa et al., 2017). A água utilizada na produção de plantas ornamentais e flores, em cultura protegida, é de cerca de 5 818 m³/ha/ano (Leão & Morais, 2011). As restrições impostas pelas Diretivas Comunitárias (Água, Nitratos, Substratos, Fertilizantes e Pesticidas) à fileira ornamental, com regras cada vez mais apertadas no uso de substratos, biocidas, água e na produção de resíduos (plásticos) e efluentes (EGTOP, 2013; Costa et al., 2014a,b, 2017), são grandes desafios para o sector, em especial para países como Portugal que ainda têm limitações nas tecnologias usadas e na capacidade de investimento/ inovação ao contrário dos congéneres do norte da Europa ou mesmo dos vizinhos espanhóis.

Não é novidade, que ao nível organizacional e comercial as empresas portuguesas têm que ganhar dimensão para competirem com os parceiros estrangeiros, nomeadamente Espanha. Todavia, a excessiva pulverização do sector dificulta a criação de organizações de produtores ou de grupos de empresas com maior capacidade financeira para inovar nos produtos oferecidos e terem maior capacidade negocial. A EXPO 98 revelou a importância do associativismo na representação do sector, na sensibilização dos decisores públicos e ajudou a dar visibilidade nacional e internacional ao sector (APPPFN, 2013). No Arquipélago dos Açores (Terceira) existe a única organização de produtores de flores reconhecida desde 2014, dedicada à produção de produtos florícolas da família das Proteaceae. Os 17 produtores que ocupam uma área de 32 ha, na campanha de 2016-2017, comercializaram cerca de 1 800 000 hastes (flores de corte e folhagem) para o mercado holandês (Fruter, 2017).

O envolvimento do sector privado, mas também o apoio dos governos central e regional a iniciativas do sector são essenciais para que este se adapte às novas propostas e regulamentos europeus (ex. políticas que incentivem a eficiência do sector, como a fiscalidade verde e economia circular são necessárias), apoio à formação profissional e divulgação.

Em relação ao mercado interno de ornamentais, é preciso valorizar ainda mais os espaços verdes. Há ainda falta de consciência na sociedade civil e no sector da construção civil e autarquias em particular. São inúmeros os casos de espaços verdes em perigo em meio urbano, a falta de áreas ajardinadas em zonas urbanas, bem como o uso de espécies e sistemas de manutenção de áreas ajardinadas desajustados ao clima português (Ferreira & Barreiro, 2016; Campo Aberto, 2017).

A maior competitividade dos viveiros e da produção ornamental portuguesa passa também por uma maior oferta de formação profissional (ex. gestão de infraestruturas e de sistemas de controlo ambiental mais modernas, gestão de resíduos) e mais investimento (público e privado) em I&D (ex. seleção e obtenção de novas cultivares, mais resistentes ao *stress*, seleção e testagem de espécies autóctones, uso de

novas tecnologias de propagação e controlo ambiental, reciclagem de resíduos sólidos e efluentes, rega e hidroponia, controlo eficiente de pragas e doenças). Urge publicar mais informação técnica e estatísticas relevantes e garantir um núcleo estável de estudos/divulgação para o sector (Costa et al., 2014a,b, 2016).

O sector não pode esperar que só de 10 em 10 anos sejam publicados dados estatísticos detalhados sobre o mesmo. De facto, boas estatísticas atualizadas e detalhadas (ex. Holanda) são fator de sucesso para investimentos nacionais e estrangeiros. Há necessidade de se reverem políticas para o sector (ex. baixa dos preços de energia, Portugal tem dos preços mais elevados de energia no contexto europeu), reduzir a burocracia e garantir o maior envolvimento das autarquias, em especial daquelas onde a atividade viveirista e de produção de ornamentais é mais ativa.

A cooperação entre os viveiristas e entre estes e a investigação, a promoção de soluções logísticas, em especial para a exportação na altura de picos, a otimização dos canais de distribuição (cadeias mais curtas, melhorar a capacidade negocial com a grande distribuição, mais aconselhamento e informação para distribuição) e potenciar as vendas das indústrias auxiliares nacionais (substratos, têxtil, plásticos e fertilizantes) são ainda estratégias a seguir para a sustentabilidade do sector.

É ainda necessário modernizar infraestruturas (estufas com maior volumetria e melhor controlo ambiental) e outras tecnologias que tragam mais eficiência no uso de recursos (ex. rega mais eficiente e reciclagem de efluentes, materiais biodegradáveis, uso de substratos em alternativa à turfa) e que permitam melhor controlo de pragas e doenças, maior previsibilidade do crescimento, colheita e qualidade final. Neste tipo de investimentos o acesso ao crédito é crucial e a banca mais especializada portuguesa também poderia ter aqui um papel relevante, tal como ocorre na Holanda (ex. Rabobank) ou em Espanha (ex. Cajamar, em Almeria).

O futuro da produção nacional de flor de corte, de planta envasada e da atividade viveirista implica maior certificação da qualidade de acordo com a legislação europeia, de modo a facilitar as exportações (Canhoto et al., 2013; Ferreti, 2013). A certificação das empresas é essencial para a competitividade e sustentabilidade do sector, pois impõe a adoção de práticas agrícolas ambientalmente mais sustentáveis, através da redução do uso de produtos químicos, fertilizantes e energia, a melhoria da organização interna e boas práticas para os trabalhadores (Gonçalves & Mourão, 2014). O tipo de certificação é muitas vezes escolhido em função do mercado a que os produtos se destinam. O mercado europeu é bastante exigente nesta prática, pois não é só a qualidade do produto que importa para o retalhista e para o comprador, mas também a prova do respeito pelo meio ambiente e de boas condições sociais da empresa (Rombouts, 2011). Em Portugal, são doze as empresas certificadas pelo Programa MPS-Sustainable Quality, sendo sete localizadas no Algarve, três no Litoral Alentejano e duas na região de Pegões. Todas as empresas estão certificadas pelo MPS-ABC (ambiente), sendo que metade, acumulam com o MPS-GAP (boas práticas agrícolas) e MPS-Q (boas práticas sociais) (Rombouts, comunicação pessoal).

Uma estratégia competitiva e sustentável de longo prazo para a fileira da horticultura ornamental envolverá obrigatoriamente a conjugação de esforços entre empresas, associações, academia, autarquias e governo central e seus órgãos de gestão e planeamento (ex. GPP).

Gestão e valorização de resíduos e economia circular

A gestão de resíduos sólidos, orgânicos e inorgânicos é um tema atual que necessita de melhor caracterização em horticultura protegida, para diminuir os riscos de

poluição, dispersão de pragas e doenças, e para a valorização dos resíduos originados (ex. produção de energia, reciclagem). As quantidades produzidas de resíduos orgânicos no país, na falta de dados mais fidedignos, só podem ser estimados com base em dados de outros países/regiões mediterrânicos onde se produzem em média cerca de 29 t/ha/ano (Cara & Rivera, 1998), podendo atingir as 130-170 t/ha/ano (Boulard et al., 2011). Esta gama de valores está relacionada com a espécie cultivada e o grau de intensificação cultural. Quanto aos substratos utilizados, as quantidades produzidas podem variar entre 0,6-1,0 kg/m²/ano (Cara & Rivera, 1998).

Em Portugal, a massa de resíduos das coberturas dos abrigos, considerando o filme de polietileno (200 µm), substituído cada três anos e com uma área coberta de 14 000 m²/ha, estima-se em cerca de 2 060 t, montante que é consistente com os valores de 0,07 e 0,10 kg/m²/ano para filmes plásticos, sugeridos por Cara & Rivera (1998) e Bergstrand (2010).

Um progresso considerável na gestão de resíduos agrícolas, foi a recolha de embalagens de fitofármacos, mas a recolha e reciclagem de plásticos agrícolas (ex. filmes de cobertura do solo e abrigos) continua problemática (Valorfito, 2014). A recolha destes resíduos não está organizada, nem oficialmente quantificada. A reciclagem de substratos inorgânicos (ex. lã de rocha, perlite) é também difícil e embora a sua incorporação direta no solo seja barata, é negativa para o ambiente.

Conclusões

Para a sustentabilidade e competitividade do sector da horticultura em Portugal deverá ser implementado um plano estratégico plurianual; estatísticas desagregadas e mais específicas e informação sobre mercados; I&D orientados às necessidades do sector e com carácter permanente; formação profissional; políticas de fiscalidade verde para promover a eficiência do uso de recursos, valorizar espaços verdes e paisagismo; apoio estatal na monitorização e certificação do produto e marketing; análises atualizadas do mercado externo, para suporte à exportação; simplificação ao nível do licenciamento, certificação e homologação de fitofármacos e mais monitorização da atividade de venda em mercados e feiras.

Referências

- APPPFN. 2013. Uma associação para a produção de plantas ornamentais e flor de corte em Portugal – A APPP-FN. Revista da Associação Portuguesa de Horticultura 110:56-59.
- Bergstrand, K. 2010. Approaches for mitigating the environmental impact of greenhouse horticulture. Dissertation. Swedish University of Agricultural Sciences, Alnarp. (ISBN 978-91-576-7538-5).
- Boulard, T., Brun, R., Raeppe, C., Lecompte, F., Hayer, F., Carmassi, G. & Gaollard, G. 2011. Environmental impact of greenhouse tomato production in France. Agronomy Sustainable Development 31:757-777.
- Campo Aberto. 2017. Espaços verdes e vivos. Um futuro para a Área Metropolitana do Porto. Edição Campo Aberto – Associação de Defesa do Ambiente, 212 p (ISBN 978-972-99960-5-4).
- Canhoto, J., Guilherme, R., Palha, M.G., Vaz, A.S., Costa, M., Moreira, J. & Silvestre, R. 2013. II Colóquio Nacional de Sementes e Viveiros. Revista da APH 113:20-21.
- Cara, G.R. & Rivera, J.H. 1998. Residuos en la agricultura intensiva. El caso de Almería. Encuentro medioambiental Almeriense: En busca de soluciones. Almería, España 7 y 8 de Marzo. pp.128-132.

- Costa, J.M. & Cermeño, P. 2009. Iberian Ornamentals Industry: Diversified and Innovative. *Chronica Horticulturae* 49 (4):33-36.
- Costa, J.M., Reis, M., Passarinho, J., Ferreira, M.E. & Almeida, D. 2017. Microeconomical and environmental sustainability of Portuguese greenhouse horticulture: a critical assessment. *Acta Hortic.* 1170:1117-1124. DOI: 10.17660/ActaHortic.2017.1170.144.
<https://doi.org/10.17660/ActaHortic.2017.1170.144>
- Costa, J.M., Reis, M., Passarinho, J.A., Palha, M.G., Carvalho, S.M.P. & Ferreira, M.E. 2014a. Sustentabilidade sócio-ambiental da horticultura protegida em Portugal. In: 'VII Congreso Ibérico de Agroingeniería y Ciencias Hortícolas: Innovar y Producir para el Futuro' (F.G.UPM, ed.):1805-1810 (ISBN: 10: 84-695-9055).
http://www.agroingenieria.es/documentos/Libro_de_actas_completo_dic_2014_final.pdf
- Costa, J.M., Silvestre, R. & Ferreira, M.E. 2016. Viveiros e horticultura ornamental portuguesa: história, características e estratégias para a competitividade. *Revista da Associação Portuguesa de Horticultura* 121:22-26.
- Costa, J.M., Vilanova, P., Silvestre, R. & Ferreira, M.E. 2014b. Propagação e produção de flores e plantas ornamentais em Portugal: situação e perspectivas para a competitividade. *Actas de Horticultura* 68:9-14. (ISBN: 978-846-17-3029-9).
<http://jiho14.eu/actas/009Portugal.pdf>
- EGTOP.2013. Final Report on Greenhouse Production (Protected Cropping). Expert Group for Technical Advice on Organic Production. EU.
http://ec.europa.eu/agriculture/organic/eu-policy/expert-advice/documents/final-reports/final_report_egtop_on_greenhouse_production_en.pdf.
- Ferreira, M.E. & Barreiro, G. (Coord.) 2016. Mãos à Horta. Agrobok 326pp.
- Ferreti, R. 2013. Ornamental plant production in Europe: what role should be played in the global match? (<http://www.aboutplants.eu/portal/cms/ENG/content-cultivation/240-ornamental-plant-production-in-europe-what-role-should-be-played-in-the-global-match.html>).
- Fruter. 2017. <http://www.fruter.pt/sectores/index.php?sector=5>
- Gonçalves, P. & Mourão, I.M. 2014. Estudo da implementação da certificação MPS-Quality no sector da horticultura ornamental. *Revista da Associação Portuguesa de Horticultura* 114:24-28.
- GPP. 2016. http://www.gpp.pt/pbl/Period/Cultivar_3_digital.pdf
- INE. 2013. Floricultura e Plantas Ornamentais – 2012. Instituto Nacional de Estatística. 64p.
- Leão, P. & Morais, A. 2011. MECAR – Metodologia para a estimativa da água de rega em Portugal. O uso de água na agricultura, INE, 17-42.
- Oliveira, S., Andrade, H. & Vaz, T. 2011. The cooling effect of green spaces as a contribution to the mitigation of urban heat: a case study in Lisbon. *Building and Environment*. 46: 2186-2194. DOI:10.1016/j.buildenv.2011.04.034.
- Pardossi, A., Incrocci, L. & Marzalletti, P. 2004. Uso razionale delle risorse nel florovivaismo: l'acqua. Agenzia Regionale per lo Sviluppo e l'Innovazione nel settore Agricolo-forestale, Firenze. 291p.
- Pronk, A.A. 2004. Irrigation and nitrogen use efficiency of *Thuja occidentalis* grown on sandy soils. WUR Wageningen UR. The Netherlands 130 p.
- Rambouts, R. 2011. Cómo dar una respuesta adecuada a la demanda de sustentabilidad. *Actas Portuguesas de Horticultura* 19:175-185.
- Valorfito 2014. Prémios Valor Fito. *Revista Frutas Legumes e Flores*. N. 150. Março 2014.

Quadro 1 - Valor da produção (M€) para as três subfileiras da horticultura portuguesa de 2007 a 2016.

Produto	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015*	2016**
Hortícolas ¹	623	625	657	711	648	692	784	746	784	776
Plantas e flores	473	494	508	496	495	464	470	444	476	457
Frutas ²	855	914	914	914	956	891	1041	1021	1120	1146
TOTAL	1952	2033	2079	2121	2099	2048	2295	2202	2380	2379

¹Inclui batata; ²Frutos frescos, citrinos, frutos subtropicais, uvas e azeitonas.

Fonte: INE (*dados provisórios) (**dados preliminares)